

CAPÍTULO: 01

CODIGO POSTAL: 1200-813

LISBOA; PORTUGAL

– *Ele já chegou?* – Perguntou a minha irmã Isabel com um sorrisinho irritante. Dizia ela que iria embora, pois estava colocar a sua vida em risco por eu estar receber visitas em casa, mesmo a pandemia ter diminuído. Sem emprego e pouca poupança e sem nem ter noção de quando teríamos permissão para voltar para casa, caso eu quisesse permanecer no país queria estar preparada em termos legais, ela já tinha seu emprego garantido e até um fiador caso tivesse necessidade de alugar uma casa, pois faz três anos que ela tinha preparado essa viagem. E mesmo ter me prometido encaixar no seu trabalho, não poderia ficar de braços cruzados quando das quatro possibilidades legais de ficar no país (trabalho, estudo, investimento, casamento) três já estavam comprometidas. Adepta a relações casuais não me importaria de dormir com quantos homens fosse necessário para ter um lar e um anel.

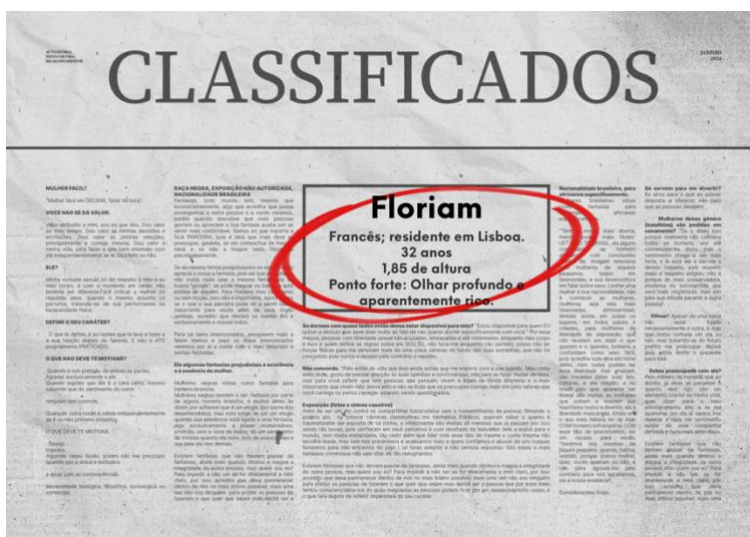
– Pelo visto acabou de chegar, atende aí enquanto... – Gritei. O interfone acabava de tocar, e ainda de toalha corri escadas acima para acabar de me arrumar isso enquanto ele subia as escadas, o que na minha cabeça seria o quê? Uns cinco minutos?

– É o zuca. – Ela gritou, mais uma vez satisfeita com o meu desespero.

**Nove horas da noite, porta número quatro, segundo andar, Santos-o-Velho,
Lisboa, Portugal.**

Tomei mais um gole do meu café frio, para dar uma melhorada no meu hálito para no caso o hálito de peixe não tivesse desaparecido, são nessas horas que me arrependo de não ter voltado para comprar o que considero o meu Kit de encontros: mentol, creme perfumante e toalhas emudecidas. Proibida de entrar

- Oi! Pode entrar, fica à vontade – Sorri. Enquanto olhava ele por trás, rapidamente se dirigiu a cozinha, a sua postura corporal razoavelmente musculosa, me agradava e o seu estilo básico e elegante com corte de cabelo lateral degradê t-shirt branca e calças preta cinza escura, tênis também da mesma tonalidade; me excitava.
- Onde está a chave e as taças? Hum! Achei... Aqui está! Um brinde? Ele perguntou.
- Claro. – Respondi. Falando nisso aprendi na França que ao brindamos temos de olhar no fundo dos olhos.
- Que chique. – Ele comentou enquanto se dirigia até mim e acrescentou: já foi para França?



Nem parece que foi a semana passada, que estava exatamente nessa cozinha, de camisa branca e calça social, sorrindo sem mostrar os dentes, dentes esses que só pude sentir mordiscando meu mamilo, depois de 4 taças de vinho. Vinho esse que ele disse que veio diretamente de Paris, mentira ou não, só queria saborear direto dos seus lábios finos. Uma hora de duração foi o nosso papo, estava escrito nos nossos olhos o quanto estávamos ansiosos para sentirmos um ao outro. Além de elegante, pontual, cheiroso, como ele saberia o tempo entre "fim de papo e beija-me", não poderia estar mais satisfeita, lá estava a sua língua enroscando com a minha, as suas mãos grandes no meu rosto, apertando as

minhas bochechas enquanto sentia a profundidade do nosso beijo e o toque do seu pênis sobre a minha coxa.

Estaria ele excitado? Se sim, estava pronta e molhada já me encontrava.

Sobre o sofá, ele puxa a minha cintura, permitindo que eu ficasse deitada, e rapidamente se colocou por cima de mim, enquanto dava uma mordidinha no meu lábio inferior, com as minhas mãos nas suas costas largas puxei a camisa e pude sentir a sua pele, que aparentava ser muito macia e bem hidratada. *Não puxa demais, peça para ele mesmo tirar a camisa* – falei para mim mesma.

Como designer de moda, sei como dar valor a uma camisa branca de tecido 100% algodão, além de ter uma melhor qualidade, e conseqüentemente sair mais caro, seria imprudente da minha parte rasgar por mero desejo o meu, e desespero dele.

– Tira a camisa – sussurrei.

– Sim! – ele sorriu.

Enquanto isso, aproveitei tirar o meu vestido branco com maior cuidado, com os braços levantados o bastante para não sujar com a base do rosto e para não mostrar muito as minhas axilas, que pelo uso excessivo de giletes na minha adolescência estariam muito escuras.

Que corpo lindo! – Ele diz, enquanto pega na minha calcinha de renda preta e fio dental, e retira cuidadosamente.

Se levanta e tira a suas calças, enquanto aprecio o seu corpo todo musculado e ligeiros pelos, no meio do seu peitoral. Assim que dobrava as suas calças aproveitou e tirou a camisinha dos bolsos, por cima de mim novamente beijou-me com mais força, com as suas mãos nas minhas coxas me aperta, abri as pernas e ele prontamente pegou na camisinha e sem delongas colocou dentro da minha vagina e devagar foi empurrando, senti cada veia subindo entre as paredes da minha vagina, com a sua língua ainda na minha boca, não pude sentir conexão maior, não pude negar, prontamente já estava apaixonada: pela luz que irradiava naquele exato momento, as taças ao lado do vinho, o silêncio da noite, a música no fundo, e o seu sorriso, de quem provavelmente não iria me procurar novamente e não procurou.

– Hum! Muito bom esse vinho – Elogiei rapidamente para deixá-lo mais confortável, isso porque elogiar o vinho que o homem traz é como elogiar o tamanho do seu pau, *satisfatório*.

– Que bom que você gostou – sorriu o Ivan.

– Assim que deu match, olhei e pensei logo que *preta linda*, por isso estava louco para gente se encontrar.

– Eram o que três horas da noite? – Ihe interrompi indignada, pois um homem mandar uma mensagem aquela hora é porque só queria sexo.

– Qual era o problema? – ele comentou indignado, e rapidamente mudou de assunto, devia ter notado que ele estava errado pensando que era o certo.

– Você me falou que é de Angola? Tenho colegas angolanos, cabo verdianos...

– Sério? Que legal, você trabalha com quê? – perguntei curiosa.

– Telemarketing, mas estamos de home office...covid...neh!

– Mas a quanto tempo você está aqui em Lisboa? – perguntei, pois, devia estar a bastante tempo e legalizado para ter um trabalho comum.

– Estou aqui faz 7 anos, fui até casado com uma portuguesa te disse não? lá no Tinder...?

Com certeza tinha que ser, pois de acordo com as minhas pesquisas (Google, YouTube) pelo menos os primeiros trabalhos disponíveis para imigrantes recém-chegados seriam de pedreiro, garçom, segurança, operários, para as mulheres: trabalho de domésticas, cuidadoras de idoso, passeadores de cachorro, vendedoras, trabalhos que não exigia necessariamente um documento ou donos dos estabelecimentos davam uma brecha, pois em troca de um contrato de trabalho eles ganhavam com mão de obra barata. Caso o homem tivesse interesse de obter a sua legalidade por via de um relacionamento, sempre acreditei que para eles é mais fácil, basta encontrar uma mulher linda, ser carinhoso e atencioso com ela que com certeza iria colocar-Ihe no seu agregado familiar. Já as mulheres, não bastava encontrar um rosto bonito, alto e carinhoso ele precisaria gostar muito dela, amar ela para selar algum tipo de compromisso.

– E você a quanto tempo está aqui?

– Faz agora 4 meses. – Seja bem-vinda...ele sorri.

– Falou o portuga! – Sorri ironicamente enquanto fui à cozinha, buscar a garrafa de vinho, pois nossas taças já estavam vazias...

– Não! brazuca com muito orgulho, preto crescido na favela, tudo conquistado com muito esforço— ele respondeu.

Sempre invejei o povo preto brasileiro além da sua determinação, tinham muito orgulho da sua cultura e principalmente da sua cor. Enquanto angolanos se nos confundissem como americanos e até mesmo brasileiros ficaríamos felizes. Ele sendo negro de pele clara, cabelo liso, traços finos autodeclarar preto, mesmo no Brasil era algo que me deixava surpresa, pois em Angola negros de pele clara preferiam se declarar mulatos, e uns até mesmo brancos.

Num país onde a população é 99,99% negra, traços mais expressivos como nariz largo e boca carnuda era motivo de vergonha e piada começando pelos nossos pais que já nos avisam *“devermos casar-nos com homens ou mulheres brancas se quiséssemos ter filhos bonitos com cabelo cacheado, nariz fino, e claro a pele clara”*.

Em Angola, quanto mais escura era sua pele menos digno eras, o que tornou uma parte dos negros de pele clara privilegiados, pois tinham mais acesso a trabalho, preferência em relacionamentos amorosos, a sua estética mais admirada tornando-os, não todos, mas uma parte arrogante, a ponto que dizíamos que era melhor lidar com brancos, pois pareciam ser mais humildes do que negros de pele clara.

– Conhece o Brasil? — ele perguntou curioso, devia ter notado que usava algumas expressões brasileiras.

– Sim! cheguei a fazer duas faculdades lá, primeira administração de empresa e depois designer de moda por dois anos na Anhembi Morumbi, mas essa nem cheguei a terminar.

– Nossa! Que legal, também cursei Administração de empresa — ele comentou.

– Então, essa faculdade de administração de empresa, fiz por intermédio de uma bolsa de estudo onde o processo seletivo foi feito no meu país, os alunos com a melhor nota receberiam a bolsa.

– Além de uma preta muito linda é muito inteligente — ele sorriu.